
RESENHAS DE TRADUÇÃO/
TRANSLATIONS REVIEWS

HÉNAUX, Victor. *De l'amour des femmes pour les sots* / Queda que as mulheres têm para os tolos. Tradução de Machado de Assis. Edição Bilingüe. Organização: Ana Cláudia Suriani da Silva e Eliane Fernanda Cunha Ferreira. Campinas: Editora Unicamp. 2008.

Kall Lyws Barroso Sales
Universidade Federal de Santa Catarina

Marie-Hélène Catherine Torres
Universidade Federal de Santa Catarina

No III Seminário Internacional da História da Tradução, realizado de 06 a 08 de outubro na Universidade de Brasília, apresentamos a comunicação intitulada “O tradutor visível: escamoteamento do autor na tradução de Machado de Assis de *De l'amour des femmes pour les sots* de Victor Hénau de 1858”. Usamos a edição comemorativa bilíngue, lançada em 2008, pelas professoras Ana Cláudia Suriani da Silva, que é mestre em teoria e história literária pela Unicamp, doutora em Letras modernas pela Universidade de Oxford e professora de português na Universidade de Birmingham, e Eliane Fernanda Cunha Ferreira, que é mestre e doutora em literatura comparada pela UFMG, professora na Universidade Católica de Brasília e que tem várias publicações sobre Machado de Assis.

A edição se propôs a retomar a discussão sobre a contraditória tradução realizada por Machado de Assis do texto de Hénau e lançar um novo texto em 2008 devido ao centenário do escritor brasileiro. Na edição, as organizadoras utilizaram material paratextual para



apresentar o texto ao público brasileiro e suscitar questionamentos sobre o lugar do texto enquanto tradução de Machado, propondo, assim, um debate sobre a tradição editorial que até hoje apresenta a tradução como obra do autor brasileiro.

Nesses paratextos temos acesso à fortuna crítica que versa sobre a obra: uma apresentação de Élide Olivier da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara; as orelhas da edição, realizadas por Aquiles Alencar Brayner, curador da coleção Latino-americana da biblioteca britânica em Londres; e a introdução crítico-filológica das organizadoras. Nesta introdução, temos acesso à parte da fortuna crítica que se desenvolveu ao longo do tempo a partir do estudo de Machado: Galante de Sousa (1955), Lúcia Miguel Pereira (1946) e Afrânio Peixoto (1943), porém, com a leitura de Jean-Michel Massa (1969), na sua tese *La jeunesse de Machado de Assis (1839-1870)* e na tese complementar *Machado de Assis, traducteur*, as pesquisadoras evidenciam ao público brasileiro que o texto atribuído a Machado é, na verdade, uma tradução e não uma obra originária (SILVA; FERREIRA. 2008:18).

Na apresentação de Élide Olivier temos informações sobre a utilização do nome de Machado enquanto autor do texto, pois, como afirma, essa dúvida de autoria origina-se em uma “perspectiva cultural típica, aquela que privilegia a originalidade sobre a imitação. Ainda mais no caso de nosso grande autor, a ansiedade de proteger o mito da originalidade, mito, aliás, recente na história da literatura” (OLIVIER, 2008:13).

Através da leitura dos paratextos, entendemos que era prática comum às publicações de material literário em periódicos durante o século XIX o apagamento do nome do autor, pois a tradução era entendida como ofício de menor prestígio e, portanto, necessitava ficar apagada.

Então, a partir desse questionamento, decidimos analisar a tradução do autor brasileiro em um primeiro momento atendo-se ao exa-

me dos paratextos, da manifestação do texto enquanto livro na contemporaneidade. Como apresenta a quarta capa da edição de 2008, a obra *De l'amour des femmes pour les sots* de Victor Hénau de 1858 foi uma das obras que serviram de “meditação estética” para a escrita machadiana, pois “autores modernos, como os antigos, traduzem, transformam mitos e outros textos originais por razões diversas. Para um autor-tradutor, como o jovem Machado, deter-se numa tradução é exercer uma forma peculiar de meditação estética. É a partir desse material que muitas obras originais vêm à tona” (HÉNAUX, 2008).

Com essa afirmação, a proposta das autoras da edição evidencia que o texto de Hénau serviu de inspiração para outras obras do autor brasileiro e de que sua forma de escrita também influenciou a estética de Machado. Como exemplificam Silva e Ferreira, Maia Neto considera o ensaio de Victor Hénau como um dos pontos de partida para a construção do ceticismo do escritor, o qual evolui da primeira para segunda fase (2008, p. 33). A importância de analisar a tradução de Machado do texto de Hénau encontra-se também em Maia Neto, pois este afirma estar em *Queda* a gênese da criação artística de Machado, principalmente se observarmos as personagens céticas do autor, como os autores ficcionais de seus romances da segunda fase (SILVA; FERREIRA. 2008:18).

Depois da apresentação, da introdução crítico-filológica e dos agradecimentos, as autoras apresentam as folhas de rosto que indicaram as edições utilizadas. Para o texto de Hénau, existem, pelo menos, duas edições uma de 1858 e outra de 1859. Ao analisarem os as duas edições do texto de Hénau, as organizadoras chegaram à conclusão de que o texto utilizado por Machado teria sido a edição de 1858, pois, segundo elas, o texto sofreu alterações e, a partir da leitura da tradução, elementos que estavam ausentes na edição de 1859 estavam traduzidos na edição em língua portuguesa (2008, p. 26).

A tradução de Machado possui três publicações: no periódico *A Marmota* do Rio de Janeiro, com publicações em 30 de Abril e em 3 de Maio de 1861; em formato de livro pela Tipografia de F. de Paula Brito também em 1861. Para o cotejo do texto de 2008 a edição da Tipografia de F. de Paula Brito foi utilizada, mas, como advertem Silva e Ferreira, o texto teve sua ortografia atualizada e os erros “óbvios, facilmente reconhecíveis, como os de ortografia e pontuação” foram corrigidos (2008, p. 34).

O primeiro contato com o texto traduzido se dá através das folhas de rosto tanto da edição em francês escolhida como da edição em português. A folha de rosto da edição em francês é apresentada na página esquerda, assim como todo o texto de Hénaux nas páginas seguintes, enquanto a folha de rosto da edição brasileira e a tradução de Machado são apresentadas no lado direito.

A tradução começa com um texto apresentado no Avertissement/ Advertência que mostra a preocupação de Hénaux ao tratar de um tema que pode desagradar e “ter por inimigas a maioria de um e outro sexo” (ASSIS, 2008, p. 41). No texto traduzido, já temos elementos que evidenciam o teor da obra em abordar segmentos de gêneros homem e mulher, mas que se exime da autoria dos conceitos, pois segundo a tradução “Diz-se que a matéria é rica e fecunda; eu acrescento que ela tem sido tratada por muitos. Se tenho, pois, a pretensão de ser breve, não tenho a de ser original” (2008, p.41). Para se eximir de criar convenções sobre homens e mulheres, a advertência traz uma lista de autores que se dedicaram a falar sobre o tema mulher, apresentando nomes e obras dos autores lidos por Hénaux: Aubert, *Dialogue de la teste et du bonnet sur les natures complexions des femmes (1544)*; Guérout, *La Louange et Vitupère de sottise, avec colloques sur les diverses fantaisies des femmes (1556)*; Prévost, *L’Amant desconforté cherchant confort parmi le monde, contenant le bien et le mal de femmes, avec plusieurs préceptes et document contre les femmes (1564)*; Agrippa, *Libelli de praeexcellencia foeminei sexus et de matrimo-*

nio (1597) ; Olivier, *Alphabet de l'imperfection et de la malice des femmes* (1683); Montcrif, *Essai sur la nécessité et les moyens de plaire* (1738); Champcenets, *Petit traité de l'Amour des femmes pour les sots* (1788) ; Necker, *Du Bonheur des Sots* (1788) ; Les oeuvres de Senancour, de Novalis, de Stendhal, de Nodier, de Balzac, de Weiss, etc. (Hénaux, 2008, p.42). Esta lista de obras não é apresentada na tradução de Machado que mostra apenas a advertência e o parágrafo final que é colocado depois da lista do texto de Hénaux. Nesse parágrafo, temos ainda a defesa de imparcialidade na construção do texto, pois “quanto à imparcialidade que presidiu a redação deste trabalho, creio que ninguém a porá em dúvida” (MACHADO, 2008, p.43).

O texto literário começa pelo título apresentado pela edição de 1861 de *A Marmota* “Queda que as mulheres têm para os tolos” tradução de “De l’amour des femmes pour les sots”. Após o título, Machado acrescenta a frase de Corneille sem traduzir “Il est des noeuds secrets, il est des sympathies”. Essa frase é apresentada após o título em francês presente na folha de rosto no texto de Hénaux. Em Machado, ela não é colocada na folha de rosto da tradução, mas depois do título dentro do corpo do texto. Os dois textos cotejados pelas pesquisadoras merecem notas de rodapé que além de explicarem ao leitor as modificações sofridas pela tradução, também apresentam as modificações das edições em língua francesa e das edições em língua portuguesa. Essas notas são diferentes, pois as que estão presentes nas páginas da esquerda referem-se ao texto em francês e tem numeração própria, e as notas de rodapé da tradução de Machado são apresentadas nas páginas da direita e tem numeração distinta das notas da edição em francês.

O primeiro capítulo e o segundo capítulo têm uma apresentação da razão pela qual as mulheres preferem os tolos, evidenciando o caráter científico de escolha do gênero feminino, pois “depois de verificar nele [no homem] a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é a toleima (2008, p.47)”. A palavra “sottise” é traduzida

por “toleima”, a qualidade dos tolos, o que é mais apreciado pelas mulheres. Para evidenciar essa qualidade como elemento buscado pelas mulheres, tanto o texto francês quanto a tradução apresentam uma lista de personalidades da história que foram vítimas de traição de suas mulheres: Turenne, La Rochefoucauld, Racine e Molière (2008, p.47). O texto apresentado mostra o embate entre duas figuras masculinas: o “homem de espírito (2008, p. 49)”, “homme d’esprit (2008, p. 48)”, e o tolo. A tradução de Machado evidencia escolhas lexicais diferentes para traduzir “sot”, pois enquanto o texto francês apresenta apenas a palavra “sot”, a tradução apresenta as soluções: “tolo”, “parvo” e “néscio” ao longo da tradução, sendo a primeira proposta a mais frequente. Ainda sobre as escolhas lexicais de Machado, o texto em português para o leitor atual se mostra com um vocabulário mais complexo, exigindo do leitor uma busca no dicionário de certos vocábulos que não são usualmente utilizados. Como exemplo, temos as opções de tradução das palavras “jalous” e “querelles”, facilmente identificadas pelo leitor de língua francesa, mas que foram traduzidas respectivamente por “cioso” e “amuos” (MACHADO, p.60). Nos paratextos, não temos informações sobre as escolhas lexicais de Machado, ou se o vocabulário empregado pelo tradutor era um vocabulário de fácil acesso para os leitores do século XIX, já que para os leitores contemporâneos algumas escolhas podem ser consideradas palavras que caíram em desuso no sentido apresentado no texto.

Ao final do segundo capítulo temos a pergunta que motivará os capítulos seguintes: “Em questão de amor, o paralelo a estabelecer entre o tolo e o homem de siso, não é para confusão do último?” (2008, p. 49). Sobre o “homem de siso”, outra tradução para “homme d’esprit” (2008, p. 48), o capítulo III da edição de 2008 traz uma nota com um poema que não foi apresentado no texto traduzido publicado na *Marmota*.

O texto de Hénaux de 1859 apresenta um poema intitulado “Aywaille” que não está presente na edição de 1858, mas que foi recupera-

do pelas organizadoras da edição, traduzido por Francine Ricieri, professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Na nota de número 25 da edição de 2008, temos a tradução da professora e uma pequena explicação da palavra Aywaille, que é um município da Bélgica, localizado na região da Valônia (2008, p. 51).

Outro texto traduzido presente na edição de 2008 que não encontramos traduzido por Machado é a primeira nota do texto de Hénau de 1858 e a segunda nota na edição de 1859. Nesta nota, Hénau apresenta um poema que será dedicado à “perfidie”, traduzido por “pérfida” também pela professora Francine Ricieri (2008, p. 65).

Ao longo de seus treze capítulos, a tradução se mantém em uma constante apresentando 81 notas de rodapé das organizadoras com anotações sobre as variações do texto de Machado e 74 notas que acompanham o texto de Hénau. No capítulo XIII, a última nota apresentada na tradução de Machado é um posfácio inexistente no exemplar consultado de Hénau de 1858 que também não foi traduzido por Machado, mas é traduzido por Ricieri para compor a edição de 2008.

O texto *De L'amour des femmes pour les sots* de Victor Hénau é responsável por debates sobre autoria entre aqueles que estudam a obra machadiana, pois o escritor brasileiro propôs uma tradução do texto para português que durante muito tempo teve a autoria atribuída ao escritor brasileiro. Em 2008, em comemoração ao centenário de Machado, as professoras Ana Cláudia Suriani da Silva e Eliane Fernanda Cunha Ferreira renovam as discussões sobre autoria, plágio e tradução propondo uma edição bilíngue na qual cotejam a obra de Hénau e a tradução de Machado. Além desse cotejo, a edição organizada pelas pesquisadoras apresenta paratextos que auxiliam o leitor a compreender o porquê esta obra foi atribuída a Machado.

O caso da tradução *Queda* é especialmente interessante porque evidencia que era prática recorrente a publicação de traduções ou adaptações sem a indicação do autor e título originais pela segunda metade do século XIX e porque o seu tradutor se tornou um dos maiores representantes da literatura brasileira.

A análise de arquétipos de homem e de mulher apresentadas por Hénaux pode ser polêmica, o que fez com que sua obra fosse debatida e contestada na imprensa belga da época, porém, como afirmam as organizadoras da edição de 2008, é muito improvável que o ensaio tivesse causado tanta polêmica entre os críticos brasileiros até hoje se seu tradutor não se tornasse duas décadas mais tarde o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Não é de se espantar que muitos atribuam à tradução do texto de Hénaux uma gênese da estética literária que será predominante em Machado. Com essa tradução, há claramente um exame satírico das figuras masculinas e femininas, das diferenças entre o homem de siso e o tolo, da mulher que busca o tolo e que não se deixa apaixonar pelos homens de espírito.

Recebido em: 11/11/2014

Aceito em: 05/01/2015